

**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE PEIXE ANGICAL E SERRA DA MESA:
MNEMOSINE SUBMERSA OU AFOGADA?**

Luciana Aires Mesquita
mitoludens@gmail.com

*Being a Goddess,
Memory can be put to
sleep but never dies.*
Ginette Paris (1990, p. 134)

Serra da Mesa é uma região no norte do estado de Goiás, onde foi encontrado um sítio arqueológico em gigantesco afloramento de rochas calcárias com inscrições ancestrais às margens do rio Tocantinzinho, denominado Sítio Abrigo Pedra Talhada, GO-Ni 176, no município de Niquelândia. A Pedra Talhada é repleta de pinturas rupestres pré-históricas e na região de Serra da Mesa foram encontrados outros 90 sítios arqueológicos. Havendo sido identificado em 1995, todas as pinturas e sítios arqueológicos da região de Serra da Mesa foram inundados no ano de 1996 por Furnas Centrais Elétricas S/A para a construção da usina hidrelétrica (UHE) Serra da Mesa, localizada a 22° 07' Sul e 42° 17' Oeste, à 250 km de Brasília (GODINHO, 1996; MARTINS, 1998). Tal empreendimento conta com 3 turbinas Francis/Eixo Vertical, potência instalada de 1.200MW ano e Energia Firme de 650 MW ano. A vazão (MLT) é de 763 m/seg, numa área inundada de 1.784 km² com um volume d'água total de 11.000.000 m³ (UCG, p. 2-3). Em volume d'água, é a maior do Brasil. A usina foi concebida no Plano Nacional de Eletrificação em 1951 no governo de Getúlio Vargas e iniciada em fins do regime militar, privilegiando grupos cartelizados de empreiteiras e indústrias eletro-intensivas. Sendo um projeto de preocupação apenas econômica e desenvolvimentista, descumpriu a Constituição Federal e toda uma legislação de proteção ambiental e indigenista conquistada na década de 1980, bem como acordos

internacionais como a Agenda 21 que priorizam a qualidade ambiental e a qualidade de vida da população local (TAUTZ,1996). A área inundada atingiu a reserva da população indígena Avá-Canoeiro e cerca de 1.200 famílias de agricultores residentes na região (IPARJ, 1995). Esta grandiosa obra de engenharia, já na etapa final de sua construção, não tinha sequer o licenciamento concedido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Todo o processo foi tramitado pelo Congresso Nacional silenciosamente e com pedido de urgência. Juízes de Tocantins e Goiás, juntamente com a FUNAI, conseguiram firmar alguns acordos compensatórios com Furnas para suprir mínimas necessidades sociais e ambientais da região (AQUINO, 1996).

Várias outras usinas hidrelétricas estão sendo construídas e projetadas para o rio Tocantins, a última que fechou as comportas para a inundação foi a UHE Peixe Angical, em 14 de janeiro de 2006. Vários sítios arqueológicos, petróglifos e registros preciosos de nossa memória ancestral, foram e estão sendo inundados. Mnemosine, personificação grega da Memória, sendo uma Titânida da mitologia, é uma das deusas da criação e nos chama aqui para uma reflexão.

A reflexão não partirá de um estudo histórico-crítico dos sítios arqueológicos de Serra da Mesa ou de Peixe Angical, nem oferecerá uma análise etnográfica dos sítios arqueológicos, suas pinturas rupestres e registros líticos em suas especificidades históricas e culturais, mesmo porque elas foram inundadas sem deixar estudos de real profundidade, a não ser os que foram realizados pela chamada, “arqueologia de contrato” -- arqueólogos contratados pela própria empresa para fazer enfadonhos relatórios que devem ser aprovados para a construção da própria usina, e claro, os relatórios devem suprir os interesses da empresa contratante, ou seja, invariavelmente, a inundação será apreciada e colocada como

necessidade urgente da população brasileira e estará a empresa contratante, acima de tudo, fazendo um trabalho “exemplar” de responsabilidade social.

Mnemosine se mostrará em sua complexidade de deusa, que por natureza não é dogmática e segue uma interdependência com o sagrado. Sendo um arquétipo, é também a criação coletiva da imaginação ocidental conectada às artes, à cultura e à história das idéias. Convidamos as filhas de Mnemosine, as Musas, para estarem presentes neste artigo com poesia, para que possamos nos adentrar no sertão represado. Guimarães Rosa, nosso diplomata do sertão que tão amante dos rios queria ser crocodilo, nos ajudará a trazer a imagem da rica e profunda sabedoria e beleza do sertão, habitat natural dos povos do Cerrado, bioma que guarda nossas raízes ancestrais brasileiras. Serra da Mesa e Peixe Angical ocultam ancestralidade titânida! Quando visitei a região em 1996 tive a percepção de que estava lidando, não só com um desastre ecológico, mas com algo que carregava um profundo saber oculto. Nas reflexões de Carl G. Jung, James Hillman, David Miller, Theodore Roszac, Ginette Paris e outros estudiosos do inconsciente, bebo aprendizados e os ofereço a este XIX Moitará – *Terra Brasilis: Pré-História e Arqueologia da Psique*.

Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.
(ROSA, 1986, p.84)

A Deusa Memória

De Gaia nasceu Urano e, da primeira geração divina, nasceram seis Titãs e seis Titânidas, conhecidos como seres que personificam as forças elementares da natureza. Uma das Titânidas, Mnemosine, personifica a Memória, que, unindo-se a Zeus por nove noites, gera nove filhas, as Musas. Os gregos personificaram a Memória como uma das

gigantescas deusas da criação, de voz e alma feminina, uma galáxia de sentimentos e emoções, cosmicamente visionária, doadora de identidade ao passado, presente e futuro e ainda, libertária, já que re-inventa e cria novas dimensões lançando imagens. Suas filhas são as fontes da cultura, nos inspiram e nos deliciam na arte da união com o divino. Sem Mnemosine e suas filhas, não temos Memória, não temos estórias, não temos imagens, não temos mitos, não temos significado, nem música, nem poesia, nem canto. Dançar a Memória personificada em Mnemosine é comungar com o passado para vislumbrar um futuro repleto de imagens e estórias com qualidades arquetípicas que nos permitem tecer associações em comunhão com a natureza, com a vida, com o coração e com a alma. Mnemosine é, sobretudo, arcaica *generatrix*.

Apesar da aparente limitação e modernidade de nossa mente, sabemos que a psique é arcaica, como já nos dizia Jung:

...it is not only primitive man whose psychology is archaic. It is the psychology also of modern, civilized man, and not merely of individual “throw-backs” in modern society. On the contrary, every civilized human being, however high his conscious development, is still an archaic man at the deeper levels of his psyche. (SABINI, 2002, p. 100, CW 10, par. 105)

A psicologia em si é um devotamento à deusa Mnemosine, de curar e trazer memórias, de re-ordená-las e de *fazer* alma. As salas de psicanálise são santuários de Mnemosine onde podemos, finalmente, deixar o nosso arcaico se expressar. Todo o trabalho de nossa querida Nise da Silveira tem a bênção de Mnemosine e suas filhas, quando resgata a memória arcaica de seus pacientes que tão maravilhosamente se expressa em imagens coloridas e de denso conteúdo mitológico. A mãe da psicologia é Mnemosine. A origem da mitologia é a Memória. Só mesmo a deusa Memória, a fazedora de mitos, poderia ser tão completa e fecunda para dar nascimento às artes. Clio, Urânia, Melpómene, Tália, Terspsícure, Calíope, Érato, Polímnia, Euterpe, são as nove musas das artes que Aristófanes nos diz ser

as *didaskaloi* (“professoras”), e que sua poesia é *therapontes* (“terapia”) (MILLER, 1981, p. 126). Seria Psique, a décima filha invisível de Mnemosine, como nos aponta James Hillman? (1983, p.42) Assim como terapia é particular, introspectiva e vertical, Mnemosine olha para trás, para dentro e para baixo (PARIS, 1990, p.129). É Mnemosine quem nos ensina que o passado é infinito e além do humano.

Enraizar-se parece ser condição básica fundamental na aventura do encontro com nós mesmos. Enraizarmos onde? Minha resposta continua e continuará sendo, na Natureza, dentro e fora de mim. Para a restauração da geografia interior e da alma, necessitamos sentir que nossos pés se estendem em raízes com a terra, que os ares e águas fluem e se renovam nos recônditos vasos sanguíneos de nosso ser, para que então possamos, finalmente, estar aquietados dentro de nós mesmos junto à chama inviolável (Héstia) que nos re-conecta com o coração da Terra. Não esquecendo que a mitologia é a psicologia da antiguidade e que se percorrermos a via intuitiva de sua própria linhagem, não desprezaremos que a mãe de Mnemosine é ninguém mais que Gaia!

Silêncio, assombro e gratidão.

Somos também Terra, somos também Gaia. Reconhecemos a unidade poderosa da Natureza? Nossos ancestrais e povos tradicionais reconhecem. As rochas contam a história da Terra, as plantas e os animais contam a história da evolução da vida. E a nossa história, dos seres humanos, onde está? Afogada? Em museus? Mutilada? Nos arquivos e bibliotecas? Nas tecnologias de ponta que ficam ultrapassadas em poucos anos? Assim, correremos o risco da amnésia, ou já é fato?

Não se revira o Sertão. “Sertão velho de idades [...] Ali envelhece vento” (ROSA, 1986, p. 479). Há algo além do humano e devemos estar sempre nos lembrando disso. Todos os reinos mineral, vegetal e animal estão ao nosso redor imprimindo-nos memória

todo o tempo, mesmo que os desprezemos. Retomar o olhar psicológico para o mundo é premissa fundamental para a reconstituição do Self. Sendo humana, como estudiosa do corpo em minhas pesquisas teatrais, vejo a infinita memória que carregamos em nossas próprias células, ossos, sangue, musculatura, irrefutável inconsciente, micro do macrocosmo, terna *terra mater*. Somos arcaicos. Como filha da Terra, não posso deixar de chamar a atenção para crimes cometidos quando se pára o fluxo de um rio e quando se menospreza Mnemosine e suas filhas. Os registros em rocha deixados por nossos ancestrais são invocações através da arte concebida no fazer, pensar e ritualizar em imagens, nossa divina *mania* que inclui a beleza, a contemplação, a magia, o *logos* e amor. Sim, amor. Alguns devem estar se perguntando, ‘mas não eram caçadores, brutais, selvagens?’, eram humanos! O lugar de Mnemosine, onde mora, é o coração e não o cérebro: “Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe.” (ROSA, 1986, p.162)

Vale lembrar aqui o estudo e denso trabalho de Theodore Roszak (1993), quando ele estende o Inconsciente Coletivo e o Id, ao mundo. Para entender os males da alma, é preciso olhar os males do mundo. Necessitamos sair dos limites da cidade, da família e da sociedade. A ecopsicologia assume que o nível mais profundo da psique está atada à Terra, à Gaia que nos nutre desde nossa primordial existência. Creio que um dos recados de Mnemosine, sendo filha de Gaia, para a psicologia é, primeiramente, reconhecer que somos realmente filhos da mesma Mãe que também clama por cuidados e que, ao menos, devemos resistir ao que desintegra. Religar, idéia-mãe.

Ginette Paris, bem como os estudiosos da psicologia arquetípica, concordam que o lugar da psicologia deve ampliar-se, que devemos dar a Mnemosine seu espaço tal como é seu status de Titânida:

Psychoanalysis has served as a refuge for Mnemosyne but at the expense of restricting her territory to the tragedies and suffering that justify the attention of a therapist. [...] The modern era invented psychoanalysis, the therapy of personal memory. That's at least one for Mnemosyne! But since we can't put all of humanity on the therapeutic couch, how shall we treat our collective memory? Mnemosyne is trapped in personal memory which blocks imagination. Memory more and more is restricted to accurate records and documented events, while each of us is left alone with private memories and the culture has no voice. (PARIS, 1990, p. 125)

Anamnese

Fui para Goiás! “O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?...Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei.” (ROSA, 1986, p. 527). Quando em 1996 visitei a região de Serra da Mesa, no coração do Brasil, não sabia que seria uma viagem inesquecível, menos ainda que estaria visitando um vale desolado de lágrimas com cheiro de morte, ah, aquela inesquecível escuridão do verde:

Malária, febre amarela, dengue, raiva
Terça maligna.
Água subindo, mosquito chegando.
Ecossistema de 60 milhões de anos
Destruído em 30.
Cerrado ente vivo de memória-beleza.

Serra da Mesa
Onde se reencontra o sertão
Sertão palavra romana, de deserto
Pré-história, Grutas, Abrigos
Templos Sagrados

Aroeira, Ipê, Angico, Sucupira, Araticum, Caraíba, Macaúba, Jenipapo,
Copaíba, Jequitibá, Gameleira, Pau Santo!
e Buriti e Buriti e Buriti
Tamanduá-bandeira, veado, lobo-guará, raposa, tatu, irara, macaco, cateto,
paca, anta, queixada, capivara, ouriço, cangambá
Jaguatirica, suçuarana
Onça Pintada!
Todos na fuga.
Assombro e silêncio dos pássaros.
A Flor de beleza-memória.

Virou lago, desertado.

Uma maravilha de engenharia
Uma força bruta
Um desastre ecológico-cultural-histórico-arqueológico-memorial
Ah! O Tocantins...
Como conto à Guimarães Rosa?

Os ribeirinhos – que Deus os guarde!
Os Avá. Bravos Avá-Canoeiro!
Fiel resistência.
Bons de canoa,
Mas e o rio?

Serra da Mesa - Peixe Angical
Pedra Talhada - Cruzeiro
Goiás - Tocantins
Autêntica cultura brasileira
Terra Brasilis
Amada Mnemosine.

A região era típica dos cerrados de planalto, chapadas arbustivas e floresta equatorial de transição, sob forma de mata galeria, serras que vão e voltam, várzeas, veredas, brejos e nascentes. Com extrema variedade biogenética, o cerrado é considerado a segunda região mais rica do planeta em diversidade de plantas. A área inundada equivale às áreas dos municípios de São Paulo e Belo Horizonte somadas, e é hoje um lago onde passeiam barulhentos jet-skies. O rio Tocantins interliga o Brasil central com o norte brasileiro, nascendo em Goiás e desembocando no rio Pará, na Baía de Marapatá, no delta do Amazonas. Presumo que, de canoa, os povos antigos iam e vinham. Hoje em Goiás, apenas um grupo indígena de seis remanescentes de uma outrora grande nação Avá-Canoeiro, aceitou contato com a FUNAI, sendo eles: Matcha, Tuya, Nakwatcha, Iawi, Trumak e Putdjawa. Demais Avá Canoeiro se isolaram, uma marca talvez, de autenticidade -- melhor isolados sendo fiéis a eles próprios! Seus descendentes foram todos dizimados por colonizadores, incluindo bandeirantes, militares e fazendeiros. Este é o último grupo indígena do estado de Goiás. Presume-se que pode haver mais catorze ou trinta e cinco

peças da nação Avá Canoeiro ao longo do rio Tocantins e Araguaia, talvez Minas Gerais e Bahia. No entanto, antes das hostilidades, havia cerca de 2.250 Avá-Canoeiros (IPARJ, 1995, p. 42). Em Goiás, havia pelo menos cinco nações indígenas ainda no século XVIII que habitavam todo o Estado e se comunicavam com outras cinco nações de Tocantins: Caiapó, Goiá, Akroá, Xavante, Canoeiros, Xerente, Xacriabá, Tupinambá, Aricovê e Krahô. Nômades e bons de canoa, nossos ascendentes deixaram marcas irrefutáveis nos paredões rochosos ao longo do rio Tocantins. Um deles, Pedra Talhada em Serra da Mesa, outra, Pedra do Cruzeiro, na região de Peixe, ambos inundados, ambos com registros pré-históricos. Não se sabe há quantos milhares de anos atrás; sabemos apenas que a tinta azul empregada em Serra da Mesa é das mais antigas.

Grupos caçadores-coletores da Tradição Itaparica e ceramistas das Tradições Uru, Una, Tupiguarani, Aratu? Outros de outras tradições do Pleistoceno? (DE BLASIS, 2000). Tivemos à mão, uma rica fonte de culturas ancestrais e diversificadas, mas não sabemos nada de nosso passado ameríndio, e se dependermos dos tecnocratas nunca o saberemos. O que é possível de se amar, é possível de se cuidar, mas o que não se conhece afoga-se? Sem permissão, respeito e sabedoria, barragens são construídas sem o conhecimento adequado da riqueza cultural e mineral das regiões afetadas, já que se tem um calendário preciso e conciso onde não se permite pesquisa aprofundada, mas sim eficiência para um progresso que não posso entender. Engenharia robusta que gera bilhões de dólares para poucos e grandes, destrói e barra a chance de conhecermos nossas próprias origens, sendo o retorno, o abastecimento de energia elétrica para cidades ansiosas por natureza.

Realmente não entendo como um “Projeto de Salvamento Arqueológico Pré-Histórico”, realizada por uma equipe de profissionais do Laboratório de Arqueologia do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás - UFG, com a colaboração de

outras instituições nacionais de pesquisa, como o Instituto de Pesquisas Antropológicas do Rio de Janeiro – IPARJ, dirigido, na época, por Darcy Ribeiro, possa ser conivente com Furnas, recebendo aporte financeiro para concluir que:

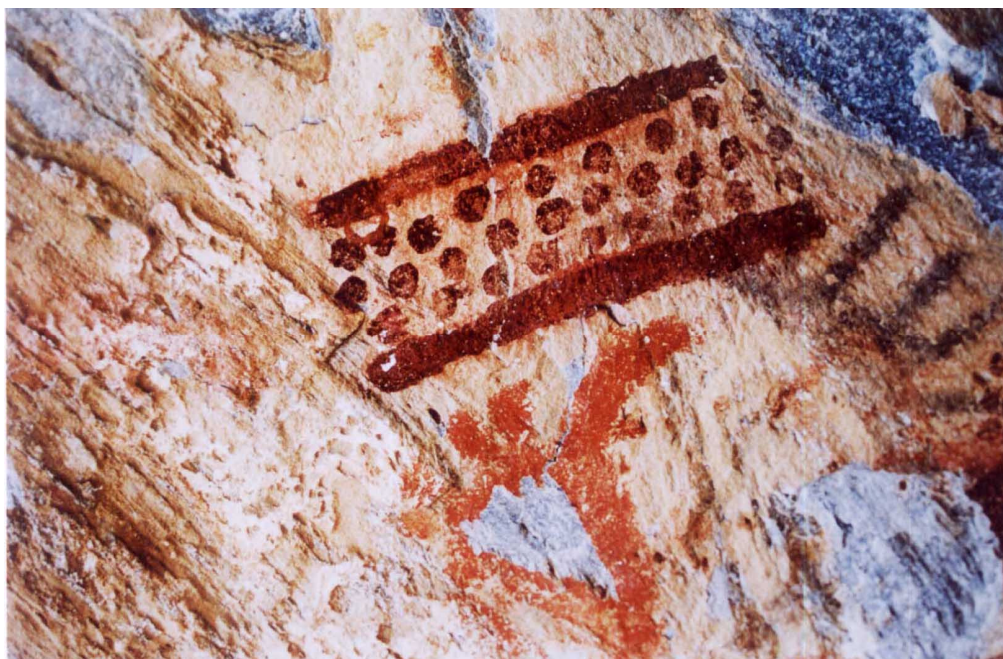
O dano ambiental é indiscutível. Mas, sem a construção da usina, nenhum sítio arqueológico teria sido descoberto. Dilamar Martins, professora e arqueóloga da UFG e coordenadora da pesquisa nos sítios pré-históricos (GODINHO, 1996).

O compromisso de Furnas com os Avá pode ser visto como sinalizador de uma política de desenvolvimento sustentável para a região. Respeita o povo indígena não só por seu valor humano em si, mas também pelo benefício de longo prazo que pode lhe advir de uma parceria com ele, e procura conciliar um projeto fundamental para o desenvolvimento econômico com uma interferência prudente no meio ambiente (IPARJ, 1996, p. 87).

Com a graça de “o diabo na rua no meio do redemoinho”, *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa nos faz lembrar que, “o sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado...o sertão é confusão em grande demasiado sossego...” (1986, p. 400). Deixei a confusão das ruas da cidade e me adentrei no Cerrado que de tão oculto, é conhecido também como monótono, e lá, o que encontrei foi uma grande confusão com a passarada em revoada, as cobras apressadas em sobreviver e a despedida do verde. De vez em quando, um chapéu perdido no meio do caminho afogado em lama, desistência e desolação. Na porteira “voltei porque te amo”, seguimos caminho e chegamos à casa do Sr. Sebastião Pires. Resistência e perplexidade. Revolta e angústia. Já com a água em seu quintal, todas as árvores frutíferas já estavam podres. Suas filhas, três crianças, para se protegerem de mosquitos, andavam sempre cobertas de preto; em luto? Sua casa, semidesmontada, ainda abrigava aquela família que não tinha para onde ir. O paiol estava ainda abastado de milho. Iriam construir um rancho mais à frente, em cima do morro, onde a água não haveria de chegar. Mas chegava. Medo e insegurança. Rejane, a filha de cinco anos, praticando ecopsicologia, nos contava sobre as formigas que morriam afogadas tentando construir

nova casinha em terra firma. A flor mais bonita, “a mãe de todas”, como nos descreveu Rejane, não pôde ser apresentada a nós, chegamos muito tarde. Ajudamos a salvar algumas carteiras que estavam sendo inundadas da escolinha rural onde estudavam e fomos percorrer de canoa o rio que estava inchando e virando lago, buritis e toda a mata à metade, afogados. Um vasto e profundo lago de mistérios para se chegar em Pedra Talhada, já submersa.

Pedra Talhada:



Pintura Rupestre do Sítio Abrigo Pedra Talhada em Serra da Mesa, antes da inundação.

Foto: Bismarque Villa Real (1995).

Sabemos quanto custa uma usina hidrelétrica e seu faturamento bilionário. Mas não sabemos quanto custa um rio, uma flor, as reflexões de Rejane, a indignação do Sr. Sebastião, os índios desterrados, uma teia de aranha, uma serpente sossegada, um paiol abastado de milho, um canto de pássaro festejando os raios do sol, uma rocha escrita há

milhares de anos. Quanto vale a memória e a **escrita sagrada** de um povo que mora dentro da gente? “...faremos bem em recordar uma vez por outra que imagens e letras, são, realmente, parentes consangüíneas” (GOMBRICH, 1988, p. 30). Aproveito a deixa de Gombrich para chamar a atenção para a imagem abaixo, foto de Rui Faquini a mim enviada primeiramente por Elyeser Szturm, cedida por Rui e Liana Faquini, da Pedra do Cruzeiro. É uma foto noturna de parte da Pedra do Cruzeiro no córrego de mesmo nome, situado na margem esquerda do rio Tocantins, recém inundada para construção da UHE Peixe Angical:



Pedra do Cruzeiro. Foto: Rui Faquini (2005).

Esta é uma **escrita**, tal como na Pedra do Ingá na Paraíba, uma **escrita sagrada**, de *hierós*, sagrado (hieróglifo). Nossa Pedra da Roseta!!!! Submersa. Relembrando: “o sertão é

bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado...o sertão é confusão em grande demasiado sossego...” Em hierofania.

Já não preciso de rir.
Os dedos longos do medo
largaram minha frente.
E as vagas do sofrimento me arrastaram
para o centro do remoinho da grande força,
que agora flui, feroz, dentro e fora de mim...

Já não tenho medo de escalar os cimos
Onde o ar limpo e fino pesa para fora,
E nem de deixar escorrer a força dos meus músculos,
e deitar-me na lama, o pensamento opiado...

Deixo que o inevitável dance, ao meu redor,
a dança das espadas de todos os momentos.
E deveria rir, se me restasse o riso,
das tormentas que pouparam as furnas da minha alma,
dos desastres que erraram o alvo do meu corpo...
(ROSA, 1997, p. 146)

A esfinge dormirá secretamente, as águas a protegerá, com seus vermes, húmus fértil, criarão proteção necessária para as escritas, até que possamos, quem sabe, realizar um projeto de maior verticalidade para dentro das águas represadas ou quem sabe, deixar o rio voltar ao seu belíssimo fluxo? Já que o mundo é governado pelo poder, deixo aqui o poder desta idéia. Iphan, UNESCO...escutam? Afinal, estamos completando 10 anos da inundação das pinturas rupestres de Serra da Mesa em absoluto silêncio e inaugurando a inundação de nossa `Pedra da Roseta`, novamente em absoluto silêncio. Como não ouvimos os estrondos? Teremos o poder de inversão de valores dos ditos ´grandes negócios nas bolsas de valores´? Conseguiremos reger um novo foco para a ecologia com uma visão cosmológica? Vamos ser capazes de assumir o amor, a compaixão, a solidariedade, as artes, nossas raízes, nossa casa? “Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele” (ROSA, 1986,

p.444). Enquanto isso, já sabemos: “Sertão: é dentro da gente” (ROSA, 1986, p. 270). Uma coisa eu sei e lhe digo: o sertão é também “Primavera na Serra”:

Clareza quente da manhã vaidosa
O sol deve ter posto lente nova,
e clareou todas as manchas,
para desperdiçar luz.

Dez esquadrilhas de periquitos verdes
receberam ordem de partida,
deixando para as araras cor de fogo,
o pequizeiro morto.
E a árvore, esgalhada e seca, se faz verde,
vermelha e castanha, entre os mochoqueiros,
braúnas, jatobás e imbaúbas do morro,
na paisagem que um pintor daltônico
pincelou no dorso de um camaleão.

E o lombo da serra é tão bonito e claro,
que até uma coruja,
tonta e míope na luz,
com grandes óculos redondos,
fica trepada no cupim, o dia inteiro,
imóvel e encolhida, admirando as cores,
fatigada, talvez, de tanta erudição...
(ROSA, 1997, p. 141)

Brasília, 2006*.
Luciana Aires Mesquita.

* Primeiramente publicado em Terra Brasilis – Pré-história e arqueologia da psique, Orgs. Marcos Callia e Marcos Fleury de Oliveira, SP: Ed. Paulus, 2006.

Key words: Pedra Talhada, Pedra do Cruzeiro, archaeological sites, hieroglyph, cave paintings, flood, Mnemosyne, Titaness, UHE Serra da Mesa, UHE Peixe Angical, hinterland, ecopsychology, “contract archaeologists”, Furnas.

Palavras-chave: Pedra Talhada, Pedra do Cruzeiro, sítios arqueológicos, pinturas rupestres, hieróglifos, inundação, Mnemosine, Titânida, UHE Serra da Mesa, UHE Peixe Angical, sertão, ecopsicologia, “arqueologia de contrato”, Furnas.

Sinopse:

Uma área de 1784km² foi inundada em Goiás para a construção de uma usina hidrelétrica, UHE Serra da Mesa, atingindo 91 sítios arqueológicos. Outras usinas hidrelétricas estão sendo construídas ao longo do rio Tocantins, sendo a última inaugurada em janeiro último, a UHE Peixe Angical. Todo o estudo que se tem das áreas atingidas são relatórios realizados pela chamada “arqueologia de contrato”, para a aprovação do projeto da empresa contratante. Não são estudos de real profundidade e assim, a sociedade fica sem o conhecimento das origens ameríndias. A figura mítica resgatada para o olhar através, é a deusa Memória, personificada na mitologia grega no arquétipo de Mnemosine. Mnemosine é apresentada como mãe da psicologia, origem do mito e mãe das Musas, fontes da cultura. Sem Mnemosine não há Memória nem Arte. Sendo filha de Gaia, nos reconecta à Terra, devolvendo-nos o sentido ecológico profundo, demonstrando que a psique é arcaica e que a psicologia necessita voltar o olhar psicológico para o mundo. Todo o artigo é tecido com poemas de Guimarães Rosa, para uma poética do Sertão. A apresentação da Pedra do Cruzeiro, recém inundada, como nossa “Pedra da Roseta” é surpreendente e alarmante. A resposta da pergunta se esses sítios arqueológicos estão afogados ou apenas submersos, está dentro de nós e adormece profundamente em nossa psique.

Abstract:

An area of 1784km² was flooded in the state of Goiás, Brazil, for the construction of the UHE Serra da Mesa hydroelectric power plant, flooding 91 archaeological sites. Other power plants have been constructed along Tocantins river and the last one was UHE Peixe Angical. All the studies were hurried technical reports made by the so-called “contract archaeologists” for helping the contractor’s project approved. Once more society has been

prevented from knowing its deeper roots. The problem is presented with archetypal lens where we have a look at the goddess Memory, Mnemosyne. Mnemosyne is the mother of psychology and origin of mythology, mother also of the Muses, fountains of the culture. Without Mnemosyne there is no Memory and no Art. Being daughter of Gaia, she re-connects us to the Earth, giving us back the feeling of deep ecology, demonstrating that the psyche is archaic and that psychology needs to turn its eyes, ears and nose to the outer world. All the article is weaved with the hinterland poems of Guimarães Rosa. The submersion of Pedra do Cruzeiro (Cross Stone) – America's Roseta Stone is not only surprising, but appalling. Submerged or drown such treasures lies deep within our psyche.

Referências bibliográficas:

- AQUINO, R. (1996). Serra da Mesa Provoca Danos Ambientais. Brasília: Folha do Meio Ambiente, novembro.
- DE BLASIS, P. (2000). Estudo de Impacto Ambiental: Arqueologia da Área Diretamente Afetada pela UHE Peixe/Tocantins. São Paulo: Documento-Arqueologia SC LTDA, setembro.
- GODINHO, F. (1996). O dilúvio do Tocantins. São Paulo: Folha de São Paulo, 27 de outubro.
- GOMBRICH. E. H. (1988). *A História da Arte* 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- HILLMAN, J. (1983). *Healing Fiction*. Woodstock: Spring Publications.
- IPARJ. (1995). Peça Antropológica – que Furnas Centrais Elétricas S.A. apresenta ao Congresso Nacional como argumento fundamental para consubstanciar o pedido de autorização para uso de recursos hídricos pela instalação do aproveitamento hidrelétrico Serra da Mesa em área que faz parte da terra indígena Avá-Canoeiro, em conformidade

- com o artigo 231, parágrafo 3º da Constituição Brasileira. Rio de Janeiro: 18 de agosto de 1995.
- MARTINS, D. (1998). Relatório conclusivo do PA-SAV-SM, Goiânia: UFG/MA. Go, v. V.
- MARTINS, D., BREDA, J. (2001). Registro Arqueológico de Grafismos – GO-Ni, 176 (Sítio Abrigo Pedra Talhada). Niquelândia, Go. Disponível em <http://www.museu.ufg.br/sitio/introducao.html>, http://www.museu.ufg.br/sitio/circuito2_p12.html . Acesso em 06-07mai.
- MILLER, D. (1981). *Christs: meditations on archetypal images in Christian theology*. New York: The Seabury Press.
- PARIS, G. (1995). *Pagan Grace* 3. ed . Woodstock: Spring Publications.
- ROSA, G. (1986). *Grande Sertão Veredas* 31. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1997). *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ROSZAC, T. (1993). *The Voice of the Earth: An Exploration of Ecopsychology*. New York: Touchstone.
- SABINI, M. (2002) *The Earth Has a Soul: The Nature Writings of C. G. Jung*. Berkeley: North Atlantic Books.
- TAUTZ, C. (1996). Serra da Mesa is illegal: manifesto à opinião pública. Disponível em <http://nativenet.uthscsa.edu/archive/nl/9610/0116.html>. Acesso em 07 mai.
- UCG. Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Furnas Centrais Elétricas S.A.. Relatório de Pesquisa: a usina hidrelétrica de Serra da Mesa e a população de sua área de influência.

